

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

**OUTROS OLHARES SOBRE OS OUTROS - A PRESENÇA INCÔMODA DOS
CORPOS MODIFICADOS EM *BLOGS*.**

JULIANA ABONIZIO

Pesquisadora e docente da Rede Centro Oeste de Ensino e Pesquisa em Arte, Cultura e Tecnologias Contemporâneas - Rede CO3 e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea - ECCO - da Universidade Federal de Mato Grosso. Atua nas linhas Epistemes Contemporâneas e Cultura e Mediações Sociais. É Doutora em Sociologia pela UNESP – Araraquara e realizou estágio pós-doutoral no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

E-mail – j_abonizio@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo visa compreender como são vistos os sujeitos que optam por exibirem marcas corporais extensas ou consideradas extremas. Para compreender as reações que provocam, foram analisados comentários acerca de modificações corporais em *blogs* que não têm essa temática como assunto principal. Constatou-se que, através da feitura de marcas, os indivíduos ganharam estigmas para além da epiderme, sendo considerados monstros, loucos, doentes e, por tudo isso, veiculadores de medo e nojo. Uma das razões para a repulsa vista nos comentários pode ser a subversão simbólica que abala a organização estética do mundo partilhado e reinante no cotidiano.

Palavras-chave: modificação corporal, estigma, evitação

**OTHER LOOKS ABOUT OTHERS - THE BOTHERING PRESENCE OF MODIFIED
BODIES IN BLOGS.**

Abstract: The purpose of this article is to understand how people who opt to show extreme, extensive or considered corporal marks are seen. To understand the reaction that these type of people provoke among others, commentaries concerning corporal modifications in blogs had been analyzed. All the commentaries was analyzed in blogs that don't use modified bodies as a main topic. The evidence draw the conclusion that through the act of marking bodies, individuals had gained stigma beyond the epidermis. The individuals with modified bodies are being considered monsters, insane and sick people and, for everything, people of fear and mourning. One of the reasons for repulses seen in the commentaries can be the symbolic subversion that shakes the esthetic organization of the daily world.

Keywords: body modification, stigma, avoidance.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

O corpo e a forma de pensar sobre o mesmo varia entre as sociedades. Na contemporaneidade, o corpo deixa de ser considerado destino e ganha múltiplas possibilidades de remodelação, tanto as que conduzem ao corpo socialmente aceito quanto ao rejeitado pelos valores dominantes. As marcas corporais, como tatuagens e *piercings*, que, muitas vezes, representavam uma oposição ao *status quo* por sua relação com subculturas juvenis, acabaram mudando seu *status* e entrando no circuito do consumo, segundo Le Breton (2003). Porém, em suas versões mais extremas, provocam reações negativas dos que não partilham essa prática.

Para compreender como os mais extensamente ou radicalmente modificados são vistos por outros, coletei comentários acerca de modificações corporais em *blogs* que não têm essa temática como assunto principal, estes foram escolhidos, justamente por permitirem essa multiplicidade de visões¹. Nos comentários, foram recorrentes temas como monstruosidade, medo, mal, doença e nojo. Essa repulsa pode ser provocada pela subversão simbólica dos modificados, provocando um abalo estético em relação ao convencional.

A primeira postagem que observei encontra-se no *blog* **OOW** e é intitulada [Jovem faz modificação facial para ficar com aparência do mal](#). O tema é um rapaz colombiano, reconhecido no circuito da modificação corporal com o nome de Caim, que deseja parecer o diabo e, para tanto, recorreu a uma série de modificações. Caim afinou as orelhas, curvou e achatou o nariz, fez implantes a simular chifres dentre outras práticas. A postagem é feita através de fotos, mostrando os resultados das várias

¹ Esse tema foi discutido por mim, com a colaboração de Ana Graciela Mendes Fernandes da Fonseca, de modo preliminar na Comunicação Oral com o título *Estigmas e Enigmas – Curiosidade e evitação nas reações aos corpos modificados expostos em Blogs* apresentada no *Segundo Congresso Brasileiro de Educação Física do Centro Oeste*, realizado em Cuiabá entre 14 a 19 de junho de 2010.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

cirurgias, o que revela que ele próprio documentou as etapas da sua metamorfose, mostrando os caminhos que levam à aparência desejada.

Colocar chifres é uma prática disseminada no cenário da modificação corporal, mas o que isso significa? Por que evocar a aparência considerada maligna no imaginário corrente? Em várias culturas juvenis nota-se essa simpatia por imagens que indiciam o mal, como pode ser visto nas capas dos discos de *rock*, nas letras das músicas, no visual carregado de caveiras, sepulturas, demônios, sangue e a hegemonia da cor preta. Será esse o fermento pânico visto por Morin (1977) nas subculturas juvenis na qual *o rock in roll* é a expressão mais difundida? Será a parte do diabo percebida por Maffesoli (2001) nas combinações juvenis contemporâneas?

Apesar de recorrente no universo *underground*, a aparência maligna é rejeitada na sociedade mais ampla. A opção do jovem por modificar seu rosto para parecer o diabo traz duas questões que incomodam a sociedade estabelecida conforme se percebe nos comentários. Uma refere-se à crença de que o corpo humano sendo feito à imagem de Deus, não deve ser modificado e outra refere-se ao tabu de modificar o rosto, considerado símbolo máximo de identidade mesmo dentre praticantes de modificação corporal (FERREIRA, 2006).

Os leitores do *blog* reagem à postagem nos comentários. Para Bruna, “não vai fazer bem pra aura do *blog* deixar esse *post online* muito tempo (..)” e Ermac destaca: “Que exagero do rapaz. Ele já tinha uma aparência de algo saído do inferno. Se ele queria ficar feio não precisava nem fazer esforço.”ⁱ

O primeiro comentário expressa um medo do mal cirurgicamente encarnado factível ao contágio mesmo através dos *pixels* enviados pelas fotografias *on line*. A aparência ex-ótica rompe com o cotidiano, inserindo o perigo na pureza da rotina, sendo o perigo, como compreendido por Mary Douglas (1991), o que instabiliza, o que abala a ordem, o que está fora de lugar. Já o segundo comentário revela a perturbação que as



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

noções de beleza e feiúra parecem sofrer em uma sociedade descentrada, com pluralidade de padrões éticos e estéticos.

A próxima postagem, [Rafa Gnomo e suas bolhas de sabão](#) no *blog Ela ta de Xico*, na categoria *Bizarrices*, mostra um vídeo em que o protagonista faz bolhas de sabão através do seu alargador labial. O vídeo apresentado no *blog* foi voluntário mesmo sabendo ou supondo a reação negativa dos expectadores. Ao contrário da ação de simulação ou ocultação dos estigmas por parte dos estigmatizados ou estigmatizáveis, Rafa Gnomo, dentre outros modificados, opta pela exposição e encenação pública da fachada adquirida, usando a terminologia de Goffman (1999).

Das reações dos leitores do *blog*, destaco:

(...)PELOAMORDEDELS.. será q alguém é louco de beijar esse cara aí?! (...)
(Kathy)

Anta problemática (Anônimo)

Meu, a mãe da a luz, cria com tanto carinho, pra uma anta se transformar nisso (...). (Anônimo)

que merda de vídeo...nunca vi um retardado pior que esse uma bicha usando alargador achando o fodão pq faz bolinha (...) (21deoutubro)

Rafa é patologizado ao ser chamado de retardado e louco o que traz a desconfiança da racionalidade de suas ações, tem a sexualidade posta em xeque, causa medo e nojo, é animalizado, tendo também humanidade questionada. O penúltimo comentário citado permite discutir também o conflito geracional, que, em última instância, provoca o



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

questionamento sobre a manutenção e ruptura da sociedade. De algum modo, a mãe não passou suficientemente as regras sociais já que ele “se transforma nisso”, *nisso* que não é reconhecido pela sociedade que o penaliza com agressões. A sua opção estética é uma agressão ética, torna-se uma ofensa à consciência coletiva que lhe reage negativamente.

Reações diversas são vistas em relação à postagem [Modificações corporais nada comuns](#) no blog *O buteco da Net*. Nesta postagem, há fotos de vários tipos de modificação de culturas variadas como os pés diminutos das chinesas, as argolas nos pescoços das chamadas mulheres-girafas além de usuários de modificações mais extremas da contemporaneidade. As reações são diferentes em relação às modificações de outras culturas e as das subculturas urbanas. Enfim, a relação entre nós e os outros é complexificada.

Em um momento, fala-se nós como uma unidade cultural, porém, ao se perceber as mudanças radicais no interior da mesma cultura, *outros outros* surgem e com reação negativa intensificada, pois o que é tolerável em uma tribo distante, não o é em nossa rua. Lembro que os *freaks* sempre estiveram afastados do seio da sociedade, nos confins da terra (GIL, 2006) ou confinados em espaços permitidos, como hospícios e circos. O que provoca mais reações é a sua visibilidade anormalizando o espaço que se cria normalizado e normalizador. Dos comentários, destaco reações às outras culturas, reações que buscam relativizar as diferenças culturais e reações de crítica da cultura em que se vive.

Como podem gostar de mulheres com os pés tão pequenos e deformados????

(Iuri)

A blz está nos olhos de quem vê sendo o belo um padrão cultural, ã uma realidade universal. Nós tb somos bizarros e deformados pros outros...

(Ayahuaska)



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Esses costumes são estranhos para nós ocidentais, mas temos que ver que também possuímos essas aberrações. A semana da moda, principalmente em Paris mostra isso, aquelas meninas esqueléticas são o padrão de beleza das passarelas (...). (Samira)

eu tenho a língua dividida e não é cultura, opção *mesmo* (Bruno)

A reação aos costumes e à estética relacionados a outras culturas é de estranheza e mesmo as reações negativas não são tão violentas. Por outro lado, percebem-se diferenças culturais dentro do que é partilhado e questionam-se traços da própria cultura, como corrupção, a moda da magreza, a popularização das tatuagens. Em geral, considera-se a opção individual mais aceitável do que imposição cultural sem perceber que o individualismo é um traço da cultura.

Ao debater sobre o conflito entre indivíduo e sociedade, o valor da opção individual – claramente um valor da modernidade ocidental – é ampliado a outras culturas. Não se discute que o valor dado ao indivíduo e às opções individuais não é o mesmo entre as sociedades. De modo similar, vimos o comentário da pessoa que afirma ter bipartido a língua por opção e não cultura. Reproduz-se um discurso que valoriza a opção individual, como se se pudesse prescindir da sociedade e se valoriza a diferença, portanto a busca de singularidade, em um mundo serializado.

Já no *blog Blogadao*, há a postagem [5 bizarras modificações corporais](#) com fotos de expoentes da *body modification* e comentários, sempre pejorativos, como “o maluco cortou a língua com fio dental”. O blogueiro busca causas para opção dos modificados como “necessidade de aparecer e complexo de inferioridade”. Para ele, os modificados “gostam de sentir dores” e “tem uma idéia distorcida do que é beleza”. Defensores e



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

desencorajadores de modificações corporais debatem o tema nos comentários. Como exemplo:

Cada um faz o que quer, não vamos desmoralizar todos mais certas coisas ficam *derr* [grafia onomatopéica relativa à repulsa] medonhas com certeza alguns sofreram alguma violência na infância e ficaram com alguma seqüela e fizeram tais coisas. Ter uns 6 *piercing* ou até uns 15 tudo bem mais isso *ae lol* [Abreviatura do inglês *laughing out loud*, que em português se pode traduzir por gargalhar] é doença (M@rc@o)

Neste comentário, é possível perceber que não se trata de não modificar o corpo, mas de quanto o fazê-lo, assim como uma tatuagem pequena em locais usuais é aceitável. Fazer uma tatuagem significaria singularizar-se, mas fazer tatuagens de tamanho e em locais difundidos não cumpre essa função. Porém, com a expansão da *body modification*, mesmo as modificações mais estranhas, tornam-se usuais para quem participa dessa cultura.

Podem dizer que eles estão querendo ser diferentes, mas eles são diferentes das pessoas “normais”, entre eles mesmos, eles são todos iguais, só pelas fotos já deu pra perceber que todos seguem um mesmo padrão de chifres, cortar a língua no meio etc. Então logo se chega a conclusão que estão todos imitando uns aos outros... (Albatroz dos andes)

O resultado é que quem faz modificação corporal é sempre criticável, ou por romper padrões ou por não conseguir o que imaginam ser uma desejada individualização, que nem sempre é o que motiva os modificados. De modo geral, as modificações apresentadas na postagem causaram reações negativas e passou-se a buscar causas



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

hipotéticas da opção por modificar o corpo, sendo loucura ou algum complexo psicológico.

Concordo com vc Alexandre. Complexo de inferioridade gerado por falta de amor ninguém, (do nada!!!) resolve colocar um par de chifres na cabeça e marcar e deformar o corpo todo atoa. E tem gente que diz que isso é liberdade de expressão. Isso é um grito ao mundo!!! - Por favor, alguém me ame! - Alguém?! Pelo amor de Deus, me ajude! - Olhem pra mim! Eu chamo isso de complexo por falta de amor e atenção...outras pessoas preferem o lado mais fácil, e chamam isso de “arte”! (...) (Psicopara)

Apesar de haver uma valorização da individualidade e da autonomia na cultura contemporânea, a vontade do outro, quando divergente da prescrita, torna-se inconcebível a ponto de ser considerada algo que foge à consciência em vez de fruto de uma decisão racional.

Acho que é falta de amor pelo próprio corpo e pela sua própria aparência. Acho que a maioria começa se drogando, o que já caracteriza falta de amor pelo eu interior e pela própria saúde.

Para Rodrigues (1983), o corpo é marcado pela sociedade, mas vemos a proliferação de marcas que não são aceitas pelo todo social, antes, partilhadas em subculturas, como é o caso do *universo da body modification*.

Em uma cultura que valoriza a escolha e a individualidade, o corpo customizado pode significar uma recusa à produção de indivíduos em série, agenciando um processo de singularização, como discute Guattari (1993).



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Sendo o corpo, a materialização da estrutura (RODRIGUES, 1983), o que foge à regra, traz o risco da desestruturação e assim ameaça a coesão social, sendo um elemento desagregador. É assim que o corpo mutante é percebido e as reações expostas nos comentários expressam a dificuldade de suportar um corpo avesso ao controle.

Por essa reação, podemos pensar na dimensão crítica que o corpo transformado pode significar. Apesar de ser fruto de uma decisão individual e sobre o próprio corpo com todo seu caráter inalienável, a modificação corporal não muda apenas o próprio modificado, mas as possibilidades de relação com o corpo e com a sociedade que nele é representada, aceita ou recusada. Assim, se a sociedade é incorporada na forma dos seus indivíduos, seus indivíduos podem excorporar seus questionamentos em relação à estrutura vigente.

Referências Bibliográficas

- ABONIZIO, Juliana (2010), *Aparências ímpares: um estudo sobre os modos de ser e aparecer dos usuários de modificações corporais extremas*. Revista Ponto Urbe, 6.
- DOUGLAS, Mary (1991), *Pureza e Perigo*. Lisboa: Edições 70.
- FERREIRA, Vitor Sergio (2006), *Marcas que demarcam: corpo, tatuagem e body piercing em contextos juvenis*. Tese. (Doutorado em Sociologia). Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa-Portugal.
- GIL, José (2006). *Monstros*. Lisboa: Relógio d' Água.
- GOFFMAN, Erving (1999), *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.
- GUATTARI, Félix et ROLNIK, Suely (1993). *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

LE BRETON, David (2003), *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas: Papyrus.

MAFFESOLI, Michel (1999), *No fundo das aparências*. Rio de Janeiro: Vozes.

_____ (2001), *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. São Paulo: Record.

MORIN, Edgar. (1977) *Cultura de massas no século vinte (o espírito do tempo) I* Neurose. Rio de Janeiro: Forense.

RODRIGUES, José Carlos (1983), *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Achiamé.

ⁱ Os comentários dos *blogs* são públicos e são citados neste artigo com algumas adaptações na grafia original relacionadas à linguagem corrente do mundo virtual e às abreviaturas. Alguns erros ortográficos foram corrigidos e fiz algumas mudanças no tipo de letra, nas cores utilizadas e nos espaços entre as palavras a fim de manter a uniformidade do documento. Apesar das adaptações, o conteúdo foi fielmente mantido e algumas expressões, inclusive abreviaturas e erros, foram mantidas. As postagens originais podem ser vistas através dos *hyperlinks* no texto.

Recebido em 28/06/2011

Aceito em 11/07/2011



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br